

IDEIAS E TIRIRICAS

Rodolpho Caniato

Naquele dia o Prof. Paulo havia dado muitas aulas. O dia havia sido muito cansativo. Muitas vezes o cansaço o abatia e lhe lembrava algumas dúvidas que freqüentemente preocupam a quem ensina. Quanto será que fica de tudo aquilo que pretendemos haver ensinado. Como se dá o processo da construção do conhecimento na cabeça dos alunos. Como, quanto e de que forma esse processo depende do professor? Ele agora se dirigia para os fundos do colégio onde o aguardava seu modesto Fusquinha que o levaria para casa.

Próximo ao estacionamento havia uma pequena horta onde geralmente estava trabalhando o “seu” Antônio, caboclo simpático e bom de prosa. Muitas vezes, encontrar com “seu” Antônio era para o professor uma ocasião de bater um bom papo. Embora “seu” Antônio fosse homem de poucas letras, ele era uma dessas pessoas que vai acumulando com os anos também uma sabedoria colhida ao longo da estrada da vida. Muitas vezes o professor se detinha a conversar com aquele velho homem de enxada e de mãos calejadas. Eram cativantes aquele jeito simples de pensar e aquele linguajar caboclo, mas sabido e alegre de “seu” Antônio.

Desta vez, no entanto, “seu” Antônio estava meio jururú, com o semblante contrafeito. Com aspecto cansado, de cócoras sobre os próprios calcanhares, ele fazia seu “picadão” de fumo de rolo, usando um velho e gasto canivete. A palha para o cigarro aguardava presa no vão da orelha.

- Boa tarde “seu” Antônio.
- Batarde, Fessor.
- Com é que vai “seu” Antônio?
- Hoje tô meio encafifado, Fessor.
- O que foi que aconteceu, “seu” Antônio?
- Fiz um trabaião danado, Fessor, mas perdi tudo meu sirviço.

Vendo o desconsolo do velho amigo, o professor se aproxima dele, disposto a ouvir as razões daquela contrariedade. Sem parar de fazer seu cigarrinho de palha, “seu” Antônio conta o que lhe havia “acontecido”. Duas semanas antes, o Diretor do colégio lha havia entregue um envelope com preciosas sementes que alguém havia trazido do exterior, como coisa rara e importante. O Diretor havia recomendado a “seu” Antônio que caprichasse no plantio das tais sementes. As recomendações foram por ele tomadas muito a sério e logo teve início a importante tarefa. Escolhido o local para o canteiro, o primeiro trabalho foi o de cavoucar o solo para remover a tiririca, aquela erva daninha quase onipresente. À medida que ia cavoucando o solo endurecido, “seu” Antônio ia também removendo a tiririca que infestava o terreno. Muitas horas foram gastas naquele árduo trabalho. Finalmente o canteiro foi tomando forma e a terra de sua superfície foi deixada fina e macia para receber as preciosas sementes. Agora tudo estava pronto para a delicada tarefa de colocar as sementes no solo e cobri-las com uma camada de terrinha fina misturada com húmus. Postas as sementes no solo, a missão havia sido finalizada com um regador de água. Agora era só esperar a germinação das sementes. Os dias foram se passando. Todos os dias a sementeira recebia água e o olhar de uma ansiosa expectativa de “seu” Antônio. Com tantos cuidados dispensados, logo deveriam aparecer as tenras e minúsculas folhinhas

daquele esperançoso plantio. Depois de muitos dias de grande expectativa, finalmente começam a aparecer as primeiras folhinhas, tão delicadas e minúsculas que ainda não dava para reconhecê-las. Aumentava a cada dia mais a expectativa e a ansiedade de “seu” Antônio. Finalmente o canteiro começa a ficar coberto pelo verde novo das minúsculas folhas. Mais regação, mais cuidados. Agora já era possível reconhecer aquela multidão de folhinhas. – Possível.....? Era tudo tiririca. Aquela germinação tão cuidada e tão esperada das boas sementes dera lugar a um eito de tiriricas: um verdadeiro tirirical.

Era natural a decepção de “seu” Antônio. Tanto trabalho e tanta dedicação investidos pelas boas sementes e ver prevalecer a erva daninha... Só depois de mais alguns dias, começaram a parecer umas minguadas folhinhas diferentes e desconhecidas de “seu” Antônio. Finalmente brotavam também, aqui, acolá, umas poucas folhas novas. Começava a aparecer algo das tão esperadas sementes, objeto do trabalho e da dedicação de “seu” Antônio. Mesmo assim era decepcionante ver uma brotada muito maior da tiririca que das boas e desejadas sementes. A essa altura “seu” Antônio havia completado seu cigarro de palha e já o “pitava” pela metade. Sua tristeza e seu desaponto eram bem justificados. Era muito trabalho e muita dedicação para ver a tiririca sair na frente e muito mais vigorosa que as sementes tão bem plantadas, tão desejadas e tanto regadas de água e trabalho.

O Prof. Paulo havia ouvido toda a história e já sentado sobre um velho tronco, se dispunha a ajudar o velho amigo a superar sua decepção. Logo lhe pareceu ver uma forte analogia entre o que sentia seu amigo semeador e o que muitas vezes sente o professor. Lembrando-se de uma discussão de que havia participado no ano anterior (1980), promovida por um grupo de professores da UFRRJ, na Baixada Fluminense, parece-lhe poder ajudar a minorar a frustração do amigo semeador.

-Seu Antônio, eu bem posso entender sua decepção. Com os professores acontece uma coisa bem parecida.

-Ué!, fessor também faiz cantero?

-Não, seu Antônio, professor não faz canteiro, mas professor também “semeia”. Não semeia sementes de plantas, mas deve semear idéias que devem germinar e crescer na cabeça de seus alunos. Acontece que as cabeças de nossos alunos, quero dizer, as nossas cabeças, quando chegam à escola já trazem muitas “sementes” que foram tomando o “solo” das cabecinhas. Muitas dessas são como tiriricas, muito difíceis de serem extirpadas. As tiriricas que o senhor cavoucou com seu enxadão estão há muito tempo naquele solo do seu canteiro. Elas estão muito bem adaptadas a aquele solo e a aquelas condições. Quando seu enxadão arrancou as tiriricas, muitos fragmentos e “batatinhas”(bulbos) ficaram naquele solo. Cada fragmento de tiririca que ficou no solo acabou por se transformar em mais uma tiririca. Sem querer, seu enxadão contribuiu para maior disseminação daquela erva daninha. Teria sido necessário fazer uma extirpação completa da tiririca. Isso realmente é muito difícil. Nossas cabeças quando chegam à escola já trazem nesse “solo” uma verdadeira multidão de sementes que vão “germinar” independentemente da vontade do professor e daquilo que ele vai “semear”. Muitas dessas “sementes” já foram “semeadas” pela família e pelo meio em que vivemos, desde nossa idade mais tenra. Muitas dessas são verdadeiras “ervas daninhas”, na forma de preconceitos e tantas outras deformações. No seu caso, seu Antônio, o senhor pode esperar para ver a brotada do que semeou e

também do que não semeou. Mesmo mais fracas, em desvantagem, talvez por serem estranhas a esse solo, suas sementes também, apesar de tudo, brotaram. Na maior parte das vezes, o professor não vê a “brotada” das sementes que se empenhou em plantar. Às vezes nem quer ver o resultado. Muitas vezes as “sementes” usadas pelo professor são fracas, chochas, que não chegam a vingar diante de tanta “tiririca”. Mesmo quando semeamos boas sementes, elas sofrem a concorrência das tiriricas que sempre estão mais adaptadas e há mais tempo naquele “solo”. Não bastam só o trabalho e nossas boas intenções. Temos que saber mais sobre como funcionam as “tiriricas”, além de saber escolher as sementes e fazer que sejam mais adaptadas ao “solo” das cabeças onde pretendemos “semear.” Claro que muitos tipos de sementes exigem um especial cuidado na preparação do “solo”. Outras “sementes” que insistimos em “plantar” podem ser inoportunas ou mesmo inadequadas para qualquer tipo de “solo”. Algumas são até inúteis, apesar do tempo e dos recursos que gastamos em semeá-las.

A essa altura o “picadão” de “seu” Antonio se havia reduzido a um toco, que já ia quase lhe queimando os beiços, tão surpreso estava com a inesperada explicação de seu amigo professor. Ele nunca imaginara pudesse ter algo em comum com os professores, com seus problemas e com suas decepções. Tiriricas em nossos canteiros parecem ter muitas coisas parecidas com os preconceitos que povoam nossas cabeças. Às vezes nossas concepções sobre o Mundo e as pessoas parecem estar dominadas por um verdadeiro “tirirical”, muito mais arraigado ao “solo” de nossas cabeças.

O Prof. Paulo também estava satisfeito pelo fato de que algumas idéias suas pudessem ter aliviado o grande desaponto de seu amigo de tantos e bons papos. Já aparecia até um esboço de sorriso naquele rosto enrugado pelo sol e pelos muitos anos de trabalho na terra. Mas o tempo havia passado. Já caía a noite e era hora de cada um ir para sua casa.

-Até amanhã, seu Antônio.

-Té manhã, fessor.....

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O texto acima é do Prof. Rodolpho Caniato, autor de vários livros de grande sucesso no ensino e educação de Astronomia e Física, entre eles:

Livro: O Céu

<https://www.grupoatomoealinea.com.br/o-ceu.html>

Livro: (Re)descobrimo a Astronomia

<https://www.amazon.com.br/Re-Descobrimo-Astronomia-Rodolpho-Caniato/dp/8576702142>

[https://www.livrariadafisica.com.br/detalhe_produto.aspx?id=142216&titulo=\(Re\)descobrimo+a+Astronomia](https://www.livrariadafisica.com.br/detalhe_produto.aspx?id=142216&titulo=(Re)descobrimo+a+Astronomia)

Livro: A Terra em que vivemos

<https://www.grupoatomoealinea.com.br/catalogsearch/result/?q=caniato>

https://www.estantevirtual.com.br/busca?q=Rodolpho+Caniato&offset=1&b_order=relevancia&busca_es=1